

5. Alimento e Cultura

Você tem fome de que?

Aos deuses é reservado o alimento doado ao homem no mundo das interações. O homem cede à sensação da fome, o alimento transformado em comida no contexto das relações sociais palco de uma realidade social cúmplice da cultura, distintiva na palavra no lugar de saberes, no movimento do desejo de desejar o desejo do outro, subordinado à relação sujeito – -objeto estruturado no imaginário.

Para Bronislaw Baczo (1998:403), o imaginário atinge as aspirações, os medos e as esperanças de um povo. É no imaginário que as sociedades, em um conceito bastante amplo, esboçam identidades. A imaginação social permite que os modos de sociabilidade existentes não sejam os únicos possíveis, e que possam ser concebidos outros modelos e fórmulas.

Nos modos de sociabilidade o alimento dedica - se à cultura, nega o transitório, ativa códigos e sistemas linguísticos que examinam a sociedade no conjunto de suas relações sociais e na condição de elaboração coletiva. Para (DAMATTA, 1987: 52), a cultura trabalha sempre com formas puras, perfeitas, que se ajustam ou não à sua reprodução concreta no mundo da sociedade, o mundo expressivo das realizações e realidades concretas.

No conjunto das relações sociais, as mulheres negras procuram alterar um modo de vida. Constroem uma sociabilidade cotidiana não só limitadas a uma lógica econômica, Em A Família como Espelho (SARTI, 2003: 42) trata-se de uma sociabilidade assimilada a um significante, ao mesmo tempo, em que desembaraçam um fio na afirmação de um significado. Na vertente da etnicidade, as mulheres negras não são definidas por uma trajetória e não se constituem em grupos étnicos, não são reconhecidas nas fronteiras físicas implicadas a atribuição efetiva no processo de inclusão e incorporação em Barth (1997), baseado na interação entre grupos que procuram manter fronteiras entre si, organizados socialmente, selecionados e retirados de amplos inventários culturais marcados

pela diferença na luta pelo reconhecimento. Essas mulheres negras são as moradoras das paisagens dos subúrbios no anúncio dos pobres e negros, as integrantes da cidade desejosas do barulho das vozes em movimento.

As mulheres falavam de um modo, cozinhavam, preparavam e distribuíam o alimento consagrado no valor da comida, conferido no “alimentar a si” e expresso na dádiva de alimentar o outro. Eram as responsáveis pela “unidade familiar”, as que controlavam o dinheiro e as despesas para que a comida chegasse até o final do mês. Para Zaluar (1985), o desmesurado esforço, é sinal de prestígio entre os desprestigiados, sendo a carne a relevância de um diferencial entre os pobres e os não pobres. Não ter o que comer corresponde a “privação de dar de comer”, encerra um ponto de vista de uma visão universal das coisas, uma relação interna entre moral e cultura, a “repartição do pouco que se tem” endereçado à ocultação de uma realidade que permanece intacta.

As “chefes de família” viúvas ou separadas assumiam o papel do homem como responsáveis pela manutenção econômica do núcleo familiar. Em Sorte (2003), algumas mulheres viúvas, com seis ou sete filhos, os futuros alunos submetidos ao processo de subalternização iniciado nas escolas públicas, vez ou outra, saboreavam a comida especial de domingo e recorriam a um diferenciado valor pela sobrevivência que em razão do simbolismo pode evocar distinção social.

O alimento se rende ao tempo. Nas famílias dos subúrbios, na figura da mãe, o símbolo da segurança, fonte de sentimento, a mulher no papel de dona de casa comprava a galinha viva e /ou a criava no quintal na arquitetura da casa herdada dos portugueses.



Figura 35 - Criação da ave no quintal

5.1. A galinha, pega, mata e come

Josélio Gomes da Silva tem quarenta e oito anos, é casado e tem dois filhos. Alguns anos de sua vida foi cabo eleitoral de alguns políticos e, com ajuda de um deputado, conseguiu uma casa própria em um Conjunto habitacional, na divisa entre Duque de Caxias e Cidade Alta, localizado no bairro de Cordovil. Josélio recluso na infância se refere ao tempero do tempo e convoca suas reminiscências:



Figura 36 - Josélio Gomes da Silva

Na minha casa somos um total de oito irmãos, minha mãe foi nascida e criada em Itaboraí, lugar de laranja, perto de Venda das Pedras, lá próximo ao hospital Colônia dos leprosos, ficava antes da Reta Velha. Como meu pai morreu cedo depois de muito trabalhar na roça, e como minha mãe possuía muitos parentes em Piedade, Quintino e no Morro da Serrinha, viemos todos para cá. Aqui minha mãe além, do serviço de doméstica, lavava muita roupa para pessoas de bem que moravam em bairros mais ricos. Como minhas duas irmãs eram mais branquinhas, minha mãe conseguiu um colégio interno, o que ajudava muito por serem duas bocas a menos durante a semana. Elas vinham de quinze em quinze dias e o aperto maior era com a chegada das férias. Como a situação não era fácil, meus irmãos mais velhos passaram a ajudar na feira. Eu não tinha como terminar os estudos, aos poucos acabei me envolvendo com a construção de casas e passei a ser ajudante de pedreiro. Lembro que nos dias da semana comíamos verdura, legume e uma mistura qualquer comprada na quitanda de seu Orlando, um português viúvo que colocava as duas filhas no balcão para atender os fregueses. Recordo que nos dia de domingo com muito esforço de minha mãe, comíamos uma comida melhorada, galinha com macarrão ou batata com galinha assada. Minha mãe criava galinha no terreiro de nossa casa, depois passou a comprar a ave no aviário de seu Mário. Com o tempo passamos a frequentar o Mercado onde as compras eram mais em conta e se comprava a galinha viva mais barata. Minha mãe frequentava a umbanda e no Mercado comprava velas e as flores para enfeitar o “conga”⁸ nas sessões de sábado no terreiro de Murilo localizado no Morro de São João. No Mercado ela também comprava a galinha de domingo. Minha mãe se sentava em um canto próximo ao tanque pegava a galinha, matava, temperava de véspera e servia no almoço em família. Os pedaços eram separados de modo que todos comessem e se sentissem satisfeitos. Eu gostava muito do pé da galinha. Uma coisa que me chamava bastante atenção é que minha mãe sentava no solo em silêncio no canto do terreiro onde matava a galinha. Repetia essa atividade todos os domingos. Lembro-me do meu olhar de estômago embrulhado, pensava na galinha e achava que ela sentia dor. Enquanto durasse a matança e a limpeza da galinha eu não aparecia no quintal. (Josélino Gomes da Silva).

Afinal, quem está falando? A perspectiva de uma realidade humana presente na sociedade, esse conceito complexo presente nas relações sociais, aliada às construções e invenções históricas do mundo social praticadas em um determinado tempo e espaço. Um ajuste a um mundo concreto. Relativizando: Uma Introdução à Antropologia- (DAMATTA, 1987: 54-55), as ações necessitam de espaço, designam a ideia de um comportamento regulado que visam a colocar pessoas lado a lado.

Na sociabilidade do cotidiano, as pessoas se comunicavam e mesmo nas grandes cidades os escritores descrevem os bairros residenciais ao cair da tarde, os

⁸ A palavra “conga” é de origem banto e é utilizada no ritual de umbanda para denominar o “altar sagrado” do terreiro. Este altar é composto de imagens de santos católicos, caboclos, preto-velhos, e outros. O conga, normalmente, situa-se no fundo do terreiro, de frente para o público. É composto por uma mesa onde ficam as imagens e outros apetrechos religiosos e tem relação estreita com o que está embaixo: os assentamentos ou os fundamentos do terreiro. (Blog Umbanda e seus mistérios).

costumes dos vizinhos se darem boa noite, levarem as cadeiras de vimes para as calçadas e ficarem falando da vida, da própria e da dos outros. Havia a comunicação com o vizinho. O espaço das imagens compartilhadas das casas, na metáfora deslocada na evocação da memória. A Poética do Espaço Bachelard (2003), a casa é o primeiro lugar do mundo antes de sermos lançados ao mundo, experimentamos o interior da casa, esse lugar que se transforma nas maiores forças de integração para os pensamentos, as lembranças e os sonhos do homem (2003: 26). Essa tal integração mantém uma coleção de lembranças, ficções e fantasias, atributos destinados ao humano inscrito na ocupação de valores, papéis e expectativas.



Figura 37 - Nosso primeiro lugar no mundo

A necessidade de atribuir uma continuidade existencial focaliza a imagem dos cozidos e assados, passeando no mundo dos sonhos, na transgressão da experiência perceptiva, vinculado a comunicação, na liberdade de compreensão alimentada na experiência do tempo, na construção particular de uma história.

“Em busca do tempo perdido”, do escritor Marcel Proust (1913), a “memória é a garantia da identidade, modo como podemos dizer o que fomos o que fizemos”. Então me abraça forte. E diz mais uma vez: Que já estamos Distante de tudo. Temos nosso próprio tempo. “Temos nosso próprio tempo”. Tempo perdido Legião Urbana (1986). No preparo da galinha, a corporeidade da

imagem acontecia no golpe fatal, quando a dona da casa em um espaço solitário da casa torcia ou fazia um corte certo no pescoço da ave com o uso das mãos ou da faca, o instrumento essencial ao sacrifício indispensável à abertura da vida à ação. A galinha estrebuchava, e o sangue jorrava pelo pescoço. Ao longo do processo de marcação de papéis, a dona de casa ritualiza e repete uma estrutura a qual dirige uma ordem social. No modelo teórico proposto por Van Gennep (2011), os rituais possuem a função de informar simbolicamente os valores de uma sociedade para quem a prática ritual é um traço pertencente à própria condição humana, é um instrumento de ação social, presente em qualquer sociedade.



Figura 38 - O golpe fatal

O “pescoço simboliza a comunicação entre o corpo e alma” (CHEVALIER GHEEBRANT, 1993, p. 637), determina o contato do natural e o social. O fundamento principal se apoia no imaginário, na ideia de reversibilidade natureza e cultura criadora do homem, origem de duas proposições estabelecidas a partir das relações entre os gestos pulsionais e o meio material e vice-versa. Para Chevalier Gheebrent (1993), em alguns casos, a galinha morta com a cabeça separada do corpo permanecia no chão. Em outros casos, a galinha é dependurada pelos pés na passagem para a morte.

Nas formas Elementares da Vida Religiosa, Durkheim (2003), as “imagens” simbólicas ou “modelos” de vida social são comuns a um grupo da trama da vida social originária das relações que se estabelecem entre os indivíduos e grupos e validam a expressão cultural.



Figura 39 - Os alimentos no campo do sagrado

A obediência aos ritos sacrificais, o relacionamento pessoal servem a identificação com a divindade, a galinha é o animal “de duas patas” que figura na escolha ao sacrifício, o sangue mantém o sentido, garante a abertura dos caminhos em todos os ritos que visam à doação da vida por vida. Nas cerimônias africanas no candomblé, os efeitos mágicos traçam a organização interna dos terreiros (terreno acolhido às cerimônias religiosas das pessoas que trabalham na terra) na definição de povo de santo. Os iniciados se envolvem no sistema de parentesco como mãe de santo, sacerdotisa responsável pela prescrição dos rituais dos filhos de santo quando as ações são declaradas aos iniciados, o sacrifício do animal na troca de energias entre o iniciado e o animal na finalidade de “descarregar” (tirar as energias negativas) e assim se estreitam as relações entre o devoto e o animal que termina por receber o “carrego” ao ser sacrificado. Em outra situação, o sacrifício o nome dado ao ritual, um animal doado às oferendas como as frutas, utensílios, objetos, cores, bebidas, flores, orações e invocações ao Orixá, os ancestrais divinizados africanos correspondentes às forças da natureza que vaidosas exigem homenagem na súplica na concepção de alguma graça no fortalecimento dos vínculos recriados na linguagem do sagrado. Os animais na

linguagem do sagrado cumprem preceitos, caracterizam representações escolhidos pelas cores, característica racial, tamanho e sexo, simbolizam diferenças entre os deuses aplicados a cada tipo de ritual, integram os ritos de renovação, iniciação, limpeza mágica sentido de alimentação ritual. Segundo (RAUL LODY, 1998: 91-93), os animais são oferecidos para cada divindade: Exu - galos, bode preto; Ogun - galos vermelhos e de outras cores; Nanã - cabra, galinha; Omulu - galo, porco, bode com cores escuras e malhadas; Iansã – cabra marrom, galinha, pomba; Euá – cabra, galinha, pato todos brancos; Obá galinha, pato, cágado; Oxum cabra amarela, galinha, patos; Ibeji frangos e frangas em cores variadas.



Figura 40 - A ave transformada em alimento

A figura feminina cumpre o ritual da galinha-: põe a ave na panela de água quente exposta ao poder do calor. “O calor, uma potência cósmica que permite ao um nascer do caos primordial. Essa incubação do Ovo do mundo não deixou de ser comparada ao ovo chocado pela galinha, na qual, a vida nasce igualmente, diz o Tratado da Flor de Ouro, pelo poder do calor” (CHEVALIER GHEEBRANT, 1993:169).



Figura 41 - O alimento sagrado

No mundo das famílias definidas em um trajeto de vida, a galinha de domingo, depois de depenada, passava pelo queimador do fogão. *Zeus perdeu a divina supremacia sobre o homem quando Prometeu pegou o fogo sagrado e o levou para a Terra.* Após a retirada de qualquer penugem, o alimento é transformado em comida e servido no dia de domingo. “tudo que se come com prazer, de acordo com as regras mais sagradas de comunhão e comensalidade” (DAMATTA, 1986: 55).

5.2. Natureza e cultura

O encontro entre a natureza e a cultura se define nos rituais iniciáticos de morte e vida, o fogo transmite a intenção de purificação que se complementa pela água. Finalmente, depois de limpa, eviscerada, a galinha era temperada, marinada e estava pronta para ser cozida na panela no uso do fogo. Para (DAMATTA, 1986: 55), o alimento explicita suas relações diante do cru, do cozido e do podre, passa pelo fogo e se transforma em cozido, o ritual e a comunicação complementados, permitem a relação e a mistura de coisas do mundo que estavam eventualmente separadas.

A cultura compromete-se com a condição existencial. É o impasse entre a vida e a morte em interação com a linguagem reinventado na elaboração dos mitos

e crenças à constatação dos grupos fixados de forma sistemática a terra, inscritos na constituição de uma experiência subjetiva datado no mundo neolítico no surgimento da agricultura (CARVALHO, 1978: 11). Nessa ocasião, ocorre o preenchimento de conhecimentos das atividades que resultaram em novas tecnologias e na acumulação de bens de capital selado nas múltiplas implicações materiais e simbólicas, quando os homens se tornam agricultores e pastores.

Sugerindo de forma vigorosa a ideia de grupo organizado, as sociedades dos caçadores e de pastores, agrupadas em torno do seu principal meio de subsistência, são conduzidas ao grande mistério, a vida deixaria de ser ameaçada, trata-se da causa secreta, à mortalidade não podem ser negadas graças ao matar e comer, é o marco civilizatório orientador do conflito enfrentado pelos mitos e ritos, quando a caça tornou-se um ritual de sacrifício, e os caçadores, através dos atos de expiação na presença dos espíritos, se encontram nas revelações sobre si mesmo.

Finalmente, a linguagem diz a que veio, insinua, simula, argumenta, não diz qualquer coisa, se interessa por um ponto de vista, nomeia a ideia de um conjunto de signos, distingue algo e faz com que tenham significado, nega o singular, preconiza a afirmação de uma diferença, volta-se à concepção dos valores e bens culturais, refém do tempo comprometido com um espaço.

Na polarização entre natureza e cultura, Segundo Carvalho (1978), a ideia de economia “doméstica”⁹ é baseada na agricultura e se contrapõe à economia “selvagem”,¹⁰ já que, a apropriação da comida através da criação de animais ocorre nos espaços não cultivados em oposição às sociedades agrícolas.

As plantas e animais não contam a história um pelo outro, compartilham os mesmos atributos, permitem ao homem criar um ambiente do mundo que carrega

⁹ Economia doméstica era praticada nas sociedades agrícolas sedentárias e no pastoreio, os principais mitos de fertilidade e os rituais que os acompanham têm como protagonistas os cereais e os ciclos das estações do ano. Ib.29 CARVALHO Edgar Assis. Antropologia Econômica. (org.,) São Paulo: Ciências Humanas, 1978.

¹⁰ Na economia selvagem, os protagonistas eram os animais. Entre os povos caçadores da Europa e da Ásia havia o costume de recolher os ossos dos animais mortos (ursos, renas e cervos), e se evitava que os animais se quebrassem ou se perdessem; eles eram depois sepultados junto com a pele, considerados que, se permanecessem intactos, a alma retornaria junto dos ossos do animal, fazendo-o renascer. Ib.30 CARVALHO Edgar Assis. Antropologia Econômica. (org.,) São Paulo: Ciências Humanas, 1978.

dentro de si. Em sentido amplo, a transformação sobre o mundo exterior humaniza a relação mito encontrada no inventário das relações sociais articuladas no tempo.

No contexto da filosofia antiga designada no mundo grego se desenvolve a habilidade de retórica, um conhecimento de doutrinas divergentes, de interpretações transmitidas no jogo das palavras. Nesse contexto histórico vivido pela civilização, a aprendizagem da retórica e da oratória surge preocupada com os interesses individuais e com os grupos sociais. Agora todos falam de sua cultura. Na adoção de tal ponto de vista, em cena as concepções relativistas, não há uma verdade única sobre as coisas, os valores variam ao sabor dos momentos históricos, políticos e culturais nos espaços abertos à individualidade.

Em Ciências Sociais, o relativismo cultural é um princípio defensor que se vale da interpretação nos termos de sua própria cultura, um conjunto de fatores e circunstâncias de uma sociedade. Funda-se, então, essa ideia do “eu” dotado de vontade, capaz de controlar e moderar paixões e desejos que escolhem para si mesmo nas ações que pratica. Nessa combinação universal de possibilidades humanas em defesa dos fatores aleatórios e subjetivos, existe a afirmação da compreensão das semelhanças.

Numa sociedade onde todos são da mesma espécie, pois todos são homens, criam uma diferenciação social pela identidade com um animal, identidade essa que permitirá a união de todos num plano muito mais profundo, junção da sociedade com a natureza, do homem com o animal, tudo isso em (DAMATTA, 1987: 134) forma uma leitura totalizante do universo.

5.3. Virou Comida

Em Claude Lévi Strauss (2011), o mito articulado nas múltiplas dimensões da experiência, é na marcação da diferença, na lógica do concreto, na criação da linguagem elabora sua forma de organizar o trabalho e as relações sociais inventadas na definição do cotidiano. Nas culturas consideradas modernas, a maioria dos alimentos chamados de crus vem cuidadosamente preparada para a mesa. O cru é um conceito culturalmente construído. No eixo entre o cru e o cozido, a distinção entre a natureza e a cultura é examinada na transformação

cultural do cru e a putrefação na transformação natural. O alimento torna possível a sequência de associações das relações de inteligibilidade recíproca ¹¹, percebidas na totalidade e convertida na leitura de mitos, fator orientador das relações sociais que expressam sentimentos e emoções.

Nessa formulação, o ser humano nos revela uma complexidade, o mito e a linguagem articulam a superação do paradoxo de um universo fragmentado ao firmarem o homem como parte de uma natureza. O homem resiste à história e se prende a uma condição.

A galinha é transformada em tudo que se come o que ocorre na cozinha em local considerado especial. Em (DAMATTA, 1997a) a atividade humana encerra a diferença, ponto central concebido à ritualização no preparo alimentar quando os pedaços contemplavam todos os membros da família. A interação definidora das relações sociais se rendia à atualização de sentido restrita ao prato especial servidos somente em dia de descanso. O que BAKHTIN (2006: 31) chama de palavra, “é um tipo de relação humana das pessoas que englobam outras palavras, um meio de organização da linguagem que permite a interação social”. As relações de inteligibilidade recíproca ocorrem quando um determinado grupo de acontecimentos em um mito pode estar relacionado com outro grupo. (Lévi-Strauss, O Cru e O Cozido, 2011: 22).

O registro descritivo da cultura reconhecido como experiência etnográfica, promove o mapeamento da ação simbólica, o ato de comer cumpre uma função, eleva-se à condição de impulso orgânico, nutre-se no movimento, na continuidade da cultura imbricada ao meio social. O comer se transforma em alimentação, cria referência da história, é acessível à magia curativa dependente da maioria das culturas, de categorias arbitradas compromissadas com um valor presente em um conjunto de procedimentos empregados às regras e leis.

Se alguém adoecia, vinha logo uma canja de galinha, quentinha ao anoitecer. A gente só faltava agradecer a febre. Que sono bom, suando, após a canja. Os sonhos eram ainda melhores. (Lucia, moradora do bairro de Cascadura, sessenta e sete anos, aposentada).

¹¹ As relações de inteligibilidade recíproca ocorrem quando um determinado grupo de acontecimentos em um mito pode estar relacionado com outro grupo. (Lévi-Strauss, O Cru e O Cozido, 2011: 22).

A galinha se presta à medicação misturada com ervas afrodisíacas dos africanos no Brasil. “Dampier, no século XVII, referindo-se particularmente a uma grelha chamada “Macker”, cujo caldo servia o fabrico de filtros amorosos. Alguns pratos brasileiros guardam alguma coisa de religioso ou litúrgico na sua preparação” (FREYRE, 1994: 457).

Canja é uma sopa típica portuguesa feita à base de arroz. A sua principal variação é a canja de galinha, que tem na cultura popular do país uma forte crença nas suas propriedades medicinais, em particular no combate à constipação. A canja é particularmente recomendada no tratamento da diarreia de modo a combater a desidratação, sobretudo se é feita de modo a ficar muito líquida e salgada. Em certas regiões portuguesas, nomeadamente na região central, existe uma tradição de dar apenas canja às mulheres depois do parto durante algumas semanas (2) www.wikipédia.org enciclopédia livre.

O alimento opera em obediência a leis, princípios e regras universais e particulares, empresta-se ao conceito de categoria, para Renouvier (apud LALANDE, 1999:141). “As categorias são as leis primeiras e irredutíveis do conhecimento, as relações fundamentais que lhe determinam a forma e lhe regem o movimento” (MORA, 1978: 31). Para Gonçalves (2002), as categorias são concepções de um espaço concreto, a categoria nativa é um conjunto de objetos que formalizam os comportamentos, as normas sociais e em termos variados são definidas nas categorias culinárias, atuam no manejo aos objetos, e se aplicam a uma condição de padrões de conduta, de categorias culturais¹² e sistemas classificatórios¹³ assumidos e reconhecidos no mundo da palavra. O sistema culinário abarca uma complexidade de explicações, busca encadeamentos lógicos, opera com ideias coordenadas e articuladas, conecta-se uma organização demonstrada no discurso, extraída na memória, filiada à noção sobre o valor na admissão de conceitos e categorias incluídas em seu conjunto de propriedades destinadas ao entendimento das condições que se possa pensar o objeto.

¹² E2 Categorias culturais e 15 sistemas classificatórios circulam e se tornam significativas na vida social. (hierarquização de gostos, sabores, texturas e consistências). Oferecem um padrão de crenças, comportamento, valores e regras diversificadas que repercutem no campo objetivo e organizam os objetos na esteira da relevância social e no filtro do simbólico. (Gonçalves, 2008, p.14) A possibilidade de segmentação dá a categoria um sentido em si mesmo, um sentido definitivo.

O alimento entrega-se ao sistema culinário. Fischeler (1995) sugere a fixação dos sabores e dos sentidos de diferentes densidades. O tato presente na boca discrimina a textura, a cor e a consistência; a audição se associa ao preparo e alça voo ao ato de se alimentar, a visão atualiza diversos olhares, já que em primeiro lugar, “comemos com olhos” ao separar e agrupar os alimentos por gostos, cheiros, sabores, odores e perfumes. Os sentidos definem uma racionalidade ilustrada no processo civilizado ao tomar corpo na presença dos garfos, panelas, travessas na estreita dependência de cada cultura. Para Lévi-Strauss (1979), todas as culturas desenvolvem suas formas de preparar suas comidas.

No cotidiano, a natureza não se afina à ideia de final, alia-se a fome, o primeiro móvel de toda atividade social. No âmbito da mitologia, Ulisses, o herói faminto, se expôs à sanha dos inimigos, à sina dominada pelo ventre, à evidente dependência que deve ser satisfeita através da ingestão de alimentos indispensável exigência da existência humana. Para Josué de Castro (2011), a fome rende-se às necessidades básicas firmadas no Campo biológico. O autor analisa a questão da desnutrição e da fome das classes populares, com base no processo de subdesenvolvimento gerador de desigualdades econômicas e sociais manifestadas na história. Tomada em Gonçalves (2002: 181), a fome gera uma necessidade natural anunciada nos códigos conectados à comida reconhecida na cultura designada ao mundo da civilização.

Os valores e as ideias em torno da comida no cotidiano “a fome e o amor dirigem o mundo”, envolvem “representações coletivas”, projetam a imagem de um tempo finito concebido como forma de consciência correspondente à identidade, à diferença na igualdade geradora de tensão psíquica, uma forma de constituição que precisa ser descarregada e policiada diante dos costumes e comportamentos. Freud aponta para o processo de tensões psíquicas ordenado em níveis de consciência diferenciados. O id se abstém de qualquer racionalidade, é o princípio do prazer, a busca da satisfação, o ego serve de mediador, quando se luta para conseguir algo, é o princípio da realidade que aplaca as constantes exigências do id nas relações entre o mundo interno e o mundo externo: O superego ou a censura moral, interiorizada pelo sujeito, que absorve os valores de sua sociedade

aliado à cultura. “... torna-se veículo da tradição e de todos os duradouros julgamentos de valores que dessa forma se transmitiram de geração em geração” (FREUD, 1933:87, livro 28).

Nessa condição, na passagem do alimento a comida o id de forma inconsciente se liga a vigência do prazer, o ego e o superego concebem a forma como as novas partes do id vão se organizar. O pacto das estruturas se entrega às manifestações culinárias, consagradas na linguagem instalada no corpo na composição do processo civilizador designado a combinação das atitudes individuais moldadas por atitudes sociais baseado em duas dimensões transformadoras: a primeira se refere à psicogênese, ao longo do tempo definido no desenvolvimento da estrutura da personalidade humana transformada em estruturas internalizadas, o indivíduo imerso na construção de si e a sociogênese estabelecida no desenvolvimento das estruturas sociais referendadas no livro Dossiê, de Norbert Elias, 2001).

Em Câmara Cascudo, o alimento se compromete com o paladar ao preencher o silêncio cultural, doa-se às relações com determinações políticas e históricas, um “modo de estar no sentido”, se torna confiante diante do hábito alimentar, mascara a extensão do dito e do não dito, explícito e implícito na significação. Nesse jogo, as relações culturais se apoiam no conteúdo encontrado no uso dado à fala. O ato de falar é o de separar, distinguir, e, paradoxalmente, vislumbrar o silêncio e evitá-lo. Em ORLANDI (2007: 27), a fala estabelece diferentes concepções, espalha sabores, interfere na invenção das relações dos variados grupos. O alimento e o seu preparo imprimem um significado, uma singularidade a uma experiência, uma forma de conduta manifestada muito mais na imaginação simbólica, na consciência de si e no raciocínio. Por outro lado, o alimento de forma plural relaciona a forma de pensamento, o conhecimento, o hábito alimentar, a organização social, política e se manifesta compreendido na vida social.

No Brasil, o português introduziu a galinha, criou o ambiente familiar, criava a ave nos quintais ou nos arredores das casas e as alimentava dos restos de comida caseira, grãos, insetos verdes. A expansão da ave ocorreu de forma rápida pelo o interior do país sem necessitar do contato direto do colonizador. Na esfera

do cardápio brasileiro, a ave jamais foi incluída em qualquer nível social diferenciado. Câmara Cascudo apresenta a galinha como comida ocasional, especial de exceção. As índias quase não comem a iguaria embora criem aves e vendam os ovos aos viajantes ou às vilas vizinhas. Na África, a galinha não é para o consumo dos nativos, é criada e vendida aos brancos.

No desfile das raças, a galinha d'angola, animal africano, segue no cardápio brasileiro espalhado e comum da Somália a Moçambique, do Gabão ao Quênia, da Guiné a Angola possuidora de nomes em profusão: capote, galinhola, guiné, angolinha, picota, pintada, considerada de carne saborosa com sabor de frango jovem, a barulhenta ave que precisa de espaço para ciscar. O outro tipo de galináceo era galinha garnisé, de porte pequeno criado mais para exposição, curiosidade e beleza, pouco utilizada como alimento (MONTEBELLO ARAUJO, 2006).



Figura 42 - Galinha da angola



Figura 43 - Galinha garnisé



Figura 44 - Garnisé branca

A partir de 1930, com os avanços obtidos no Brasil por meio de manejo e cruzamento de raças, sobressaem-se raças com produção de ovos diferenciados, galinha branca de raça Legom, símbolo da boa mesa, com maior quantidade de gordura de carne macia que atendia às exigências da clientela. No aviário dos anos sessenta, para efeito de referência e diferença, todo galináceo era separado de acordo com os seus pares em pequenas celas gradeadas em forma de quadrado. Na hora de submetê-las ao crivo das freguesas, as espécies pressentindo que seriam

usadas como alimento, se esquivavam e se uniam ao fundo da cela ao serem apanhadas pelas penas, postas na balança e depois dos pés amarrados eram enroladas em jornal.

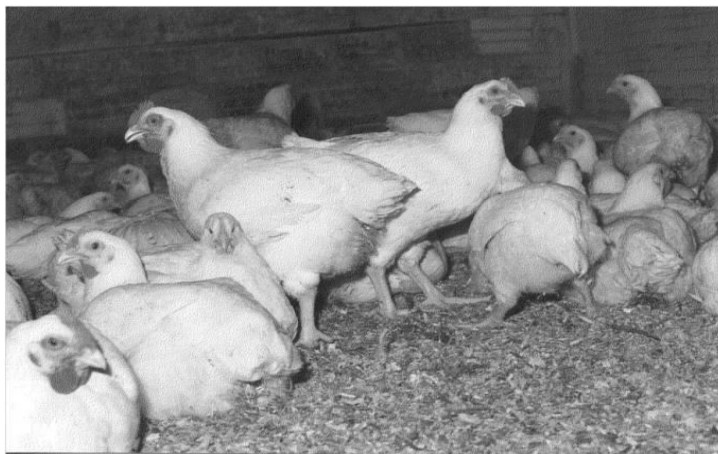


Figura 45 - Galinha Legom

O almoço de domingo era o alimento transformado em comida responsável pelo elo estabelecido entre os grupos relacionado a um conjunto de crenças, ideologias, tecnologias integradoras de um sistema cultural.

“O alimento transformado pelo homem em comida, constrói uma variedade de relações sociais irremediavelmente seguras às malhas das interpretações”. “O alimento é algo universal e geral. Algo que diz respeito a todos os seres humanos: amigos ou inimigos, gente de perto ou de longe, da rua ou da casa, do céu ou da terra. Mas a comida é algo que define um domínio e põe as coisas em foco. Assim, a comida é correspondente ao famoso e antigo “de comer”, expressão equivalente à refeição, como de resto a palavra comida. Por outro lado, comida se refere a algo costumeiro e sadio, alguma coisa que ajuda a estabelecer uma identidade, definindo, por isso mesmo, um grupo, classe ou pessoa.” (DAMATTA, 1986:55).

O hábito alimentar especializado na função de meios e fins assumia um modo diferente de preparo da ave para o almoço das famílias participantes de um registro dirigido à construção de uma realidade.

A galinha ensopada era simplesmente divina. O aroma e sabor inesquecíveis. Ao molho parto, eu tinha alguma resistência. Talvez porque me lembrasse da cena de decapitação. O estrogonofe de galinha especialmente aos domingos era um sucesso da mesa posta, onde até um vinho do Rio Grande do Sul aparecia. (Lúcia, moradora do subúrbio de Cascadura, RJ sessenta e sete anos, aposentada).

No cenário da interpretação se inscreve a memória cultural, a inovação compartilhada no terreno da repetição da diferença e sugere indagar o que somos. Na letra de música do grupo TITÃS (1987) “Você tem sede de que, Você tem fome de que?”... Em (GARCIA ROZA, 1986:37) “tornar a dizer ou escrever” os códigos partilhados são os gestos e do espelho “isto é, algo que diz respeito..., aos atos humanos e não os fenômenos naturais”. A repetição apaga e escreve as relações do mundo interno e externo, uma relação incumbida de fazer da repetição uma liberdade. Em (ORLANDI, 2007: 29), a fala cria circularidade constante entre o que se pensa e o que se diz, atua sobre as coisas e sobre si mesmo, podendo forjar uma identidade e promover uma transformação.

Nas relações intercambiáveis entre o hábito alimentar (generalizado) e a repetição, (o que se distingue como particular), é a ação simbólica que rompe o silêncio a partir da retirada de um significante uma metáfora, [...]. Em LACAN, (1957/58: 180), a repetição é um significante que surge no lugar de outro significante e assume uma identidade nutrida na realidade social à disposição da palavra. Singulares na possível modificação e recolocação diante das relações sociais, as famílias do subúrbio comiam um prato especial no dia do descanso, "abençoado" e "santificado" por Deus, o "dia do Senhor", ocupado das coisas santas no cotidiano permitia os prazeres, o alimento transformado em comida, fonte de bem-estar corporal e emocional compartilhado na vida social.

Na minha infância, não se comia carne todos os dias por ser muito cara. Nada de filé, alcatra ou chã de dentro. Durante a semana era carne de segunda, ou outra mistura qualquer. A galinha era a opção diferente para o domingo que de certa maneira o rico ou o pobre participavam... (Alexandre cinquenta anos, herdou a profissão do pai, é dono do aviário localizado no bairro de Água Santa - Zona – norte do Rio de Janeiro).

"Na realidade, não há percepção que não esteja impregnada de lembranças" (Henri Bergson), o filósofo que defende a realidade vivenciada pelo homem descrito em (ÉCLEA BOSI, 1987: 48). De modo particular, no caso da alimentação, a função determinada de um grupo procura portas de saída, descreve a interação com o tempo e o espaço e tornam as lembranças disponíveis às informações. Permite repensar situações e práticas do cotidiano na estreita relação

das experiências individuais articuladas aos aspectos da realidade presentes na imagem das famílias.

Era uma galinha de domingo. Ainda viva porque não passava de nove horas da manhã. Parecia calma. Desde sábado encolhera-se num canto da cozinha. Não olhava para ninguém, ninguém olhava para ela. Mesmo quando a escolheram, apalpando sua intimidade com indiferença, não souberam dizer se era gorda ou magra. Nunca se adivinharia nela um anseio.

[...] Sozinha no mundo, sem pai nem mãe, ela corria, arfava, muda, concentrada. Às vezes, na fuga, pairava ofegante num beiral de telhado e enquanto o rapaz galgava outros com dificuldade tinha tempo de se refazer por um momento. E então parecia tão livre.

Inconsciente da vida que lhe fora entregue, a galinha passou a morar com a família. A menina, de volta do colégio, jogava a pasta longe sem interromper a corrida para a cozinha. (..) A galinha tornara-se a rainha da casa. Todos, menos ela, o sabiam. Continuou entre a cozinha e o terraço dos fundos, usando suas duas capacidades: a da apatia e a do sobressalto. [...] uma vez ou outra, sempre mais raramente, lembrava de novo a galinha que se recortara contra o ar à beira do telhado, prestes a anunciar. Nesses momentos enchia os pulmões com o ar impuro da cozinha e, se fosse dado às fêmeas cantar, ela não cantaria mas ficaria muito mais contente. Embora nesses instantes a expressão de sua vazia cabeça se alterasse. Na fuga, no descanso, quando deu à luz ou bicando milho – era uma cabeça de galinha, a mesma que fora desenhada no começo dos séculos. Até que um dia mataram-na, comeram-na e passaram-se anos.

Clarice Lispector

Na reflexão dos pequenos acontecimentos da vida cotidiana, abrem espaço para o imprevisto da memória, à abordagem interpretativa descrita na história oral.

A história oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo. Estimulam professores e alunos a se tornarem companheiros de trabalho. Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade. Ajuda os menos privilegiados, especialmente os idosos, a conquistar dignidade e autoconfiança. Propicia o contato – e, pois, a compreensão – entre classes sociais e entre gerações. E para cada um dos historiadores e outros que partilhem das mesmas intenções, ela pode dar um sentimento de pertencer a determinado lugar e a determinada época. Em suma, contribui para formar seres humanos mais completos. Paralelamente, a história oral propõe um desafio aos mitos consagrados da história, ao juízo autoritário inerente a sua tradição. E oferece os meios para uma transformação radical no sentido social da história. (THOMPSON, 1992:44).

A memória sugere a produção de uma narrativa, os registros orais e escritos possuem uma dimensão pessoal, coletiva ou social aplicada à trajetória de uma

versão dirigida à proliferação dos objetos, aos comportamentos e aos rituais nos contextos sociais condensados nas diferentes leituras.

Recordo de minha mãe rendida aos seus sentimentos, em tom de mágoa, seu casamento foi celebrado em dia santo com o consentimento de Cosme e Damião e a supervisão do padrinho feitiçeiro do Morro da Mangueira. Minha mãe foi apaixonada por um jogador de futebol, casou-se refém de um encantamento com um rapaz negro, alto, magro com orelha de abano. Um leiteiro insosso e sem graça. Meu pai foi o dançarino de gafieira do Largo do Engenho Novo, trajado no fino linho branco assim como a imagem de seu Zé. Um ano depois do desenlace apesar dos métodos caseiros, minha mãe não conseguiu abortar. Ela sempre lembrava que os tempos eram das vacas magras, e como contava todas as famílias no domingo comiam galinha. A solução encontrada por meu pai era furtar a ave do quintal do vizinho e satisfazer o desejo de minha mãe grávida. (Moradora de Tomaz Coelho subúrbio do Rio de Janeiro, setenta e seis anos).

A memória considerada a partir das experiências passadas e dos antepassados envolve percepção, soma de sensações dotadas de sentido, a vivência corporal, o modo e as condições em que nosso corpo é percebido, a significação da história de vida, o próprio mundo exterior organizado em formas e estruturas complexas reconhecidas nos gestos, nos gostos, nas audições, nos sotaques, no paladar, no olfato e nos cheiros. A capacidade da consciência faz surgir os objetos definidores de uma experiência coletiva específica a partir de esquema do pensamento, esfera da cultura englobada nas formas de memória e de percepção, social em sua origem e funções, social em suas formas, social em suas aplicações derivadas de um sistema ordenado de significação do mundo. Para (MICELLI, 1986, p.XXi-XXV), designa “diferentes modalidades de apreensão do real”. Em Geertz (2012), é uma atividade pública, seu habitat natural é o pátio da casa, o local do mercado e a praça da cidade.

Hoje a maioria dos fregueses é de pessoas idosas e fiéis, Nesses trinta anos de trabalho no aviário entre o bairro do Méier e Água Santa conhecia todos os fregueses e familiares, meus filhos brincavam com os filhos da clientela. Agora, retirando os antigos fregueses, os atuais compram galinha já morta e limpa e não possuem mais tempo para bater papo. Alexandre dono do aviário no subúrbio de Água Santa.

Dona Eunice completou setenta e quatro anos; é uma carioca aposentada, viúva e mãe de três filhas casadas e possui oito netos. Trabalhou por alguns anos e uma casa de família como empregada doméstica localizada em um subúrbio do Rio de Janeiro. Ao visitar as lembranças, avistou Casimiro, o dono do aviário, lembrou-se do bairro que se desenhava na presença do comércio varejista quando

partia para o aviário e comprava sua galinha branca, mais barata, para o almoço em família com o marido e suas filhas e todos juntos comiam um pouco melhor.